

ANÁLISE DA AUTOESTIMA DE HOMENS COM EXPERIÊNCIA DE RUA ACOLHIDOS E NÃO ACOLHIDOS EM UMA CIDADE DO SUDOESTE DA BAHIA: UM ESTUDO TRANSVERSAL

**ANALYSIS OF SELF-ESTEEM AMONG MEN WITH EXPERIENCES OF
HOMELESSNESS WHO ARE SHELTERED AND UNSHELTERED IN A CITY IN
SOUTHWESTERN BAHIA: A CROSS-SECTIONAL STUDY**

Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde •

31/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/793321198](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/793321198)

Givaneide Monteiro dos Santos¹

Layla Emanuelle Alves Freitas²

Maria Júlia Oliveira Ferraz de Melo³

Mikaelle de Carvalho Cardoso⁴

Victória Silva Midlej Ribeiro⁵

Cristina Andrade Sampaio⁶

Juliana Barros Ferreira⁷

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo avaliar e comparar os níveis de autoestima entre homens com experiência de rua acolhidos e não acolhidos em um município do sudoeste da Bahia. Desenvolveu-se uma pesquisa quantitativa, transversal, exploratória e descritiva, conduzida com uma amostra de 24 participantes adultos vinculados a instituições sociais locais. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário sociodemográfico e da Escala de Autoestima de Rosenberg, sendo os dados submetidos a análises descritivas e estatísticas. Entre os participantes, 45,8% se autodeclararam pretos e 45,8% pardos, 70,8% eram solteiros, 70,8% tinham filhos e 54,2% eram católicos. Quanto à situação de moradia, 45,8% encontravam-se em acolhimento institucional e 54,2% permaneciam em situação de rua. A maioria dos participantes tiveram a classificação de autoestima moderada (75%), seguida de baixa autoestima (20,8%) e alta autoestima (4,2%). Não houve associação entre situação atual de moradia e autoestima ($p=0,32$). Embora o acolhimento institucional pareça favorecer uma distribuição mais favorável dos escores de autoestima, as limitações amostrais impedem generalizações definitivas, ressaltando a relevância de intervenções de suportes psicossociais voltadas para a reconstrução da identidade e da cidadania desse público.

Palavras-chave: Autoimagem; Pessoas em Situação de Rua; Abrigo; saúde mental.

ABSTRACT

The present study aimed to evaluate and compare self-esteem levels among men with experience of homelessness—both those in institutional care and those still living on the streets—in a municipality in southwestern Bahia. A quantitative, cross-sectional, exploratory, and descriptive study was conducted with a sample of

24 adult participants linked to local social institutions. Data were collected using a sociodemographic questionnaire and the Rosenberg Self-Esteem Scale, and were subsequently subjected to descriptive and statistical analysis. Among the participants, 45.8% self-identified as Black and 45.8% as mixed-race (*pardos*); 70.8% were single, 70.8% had children, and 54.2% were Catholic. Regarding housing status, 45.8% were in institutional care, while 54.2% remained in a situation of homelessness. The majority of participants (75%) were classified as having moderate self-esteem, followed by 20.8% with low self-esteem and 4.2% with high self-esteem. No association was found between current housing status and self-esteem ($p=0,32$). Although institutional care appears to foster a more favorable distribution of self-esteem scores, the limitations of the sample size preclude definitive generalizations; this underscores the importance of psychosocial support interventions aimed at the reconstruction of identity and citizenship for this population.

Keywords: Self Concept; Housed Persons; Shelter; Mental Health.

1. INTRODUÇÃO

A autoestima pode ser entendida como a avaliação subjetiva que o indivíduo faz de si mesmo, e é refletida em sentimentos de valor pessoal, dignidade e pertencimento social (Marcelino; Elias, 2023). Trata-se de um elemento central para a saúde mental e o bem-estar, influenciado por experiências pessoais, vínculos afetivos, condições socioeconômicas e pela forma como a sociedade reconhece ou exclui determinados grupos (Copatti *et al.*, 2017; Haeffner *et al.*, 2023). Em contextos de vulnerabilidade, como a pobreza extrema, a autoestima tende a ser fragilizada, compromete a identidade e a percepção de sentido existencial (Fernandes, 2015).

Entre os grupos mais impactados por essa vulnerabilidade social, estão as pessoas em situação de rua, cuja vivência é marcada por múltiplas formas de exclusão e estigmatização (Brito; Silva, 2022). Desigualdades estruturais, rupturas de vínculos familiares, desemprego, violência e ausência de políticas públicas eficazes compõem um cenário de exclusão que fragiliza a saúde mental e agrava a baixa autoestima (Brasil, 2009; Mendes; Ronzani; Paiva, 2019). Esse contexto de preconceito social contribui para a violência simbólica e para a internalização de sentimentos de desvalorização, favorecendo o sofrimento psíquico e intensificando o isolamento e a perda de dignidade (Fernandes; Ribeiro, 2022; Campos; Souza, 2013).

Viver nas ruas, em condições de insegurança e desproteção, intensifica os riscos de adoecimento físico e mental (Mendes; Ronzani; Paiva, 2019). E isto reflete em maior prevalência de depressão, ansiedade, transtornos relacionados ao uso de substâncias e doenças infecciosas, agravadas pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde e pela discriminação institucional (Halpern *et al.*, 2017). Em âmbito nacional, pesquisas demonstram que pessoas em situação de rua são frequentemente desumanizadas, sendo vistas como o nível mais baixo da hierarquia social, o que legitima práticas de exclusão (Pereira *et al.*, 2024; Sicari; Zanella, 2018).

Nesse cenário, a autoestima se relaciona diretamente à cidadania (Hutz; Zanon, 2017). Sentir-se parte de uma coletividade e ter os direitos fundamentais respeitados são condições essenciais para a construção da identidade e da dignidade humana (Brito; Silva, 2022; Icse, 2024). Além disso, cada indivíduo desenvolve uma identidade narrativa a partir de suas experiências, o que evidencia a relevância

de compreender essas trajetórias na análise de estudos subjetivos, como a autoestima (Torralba, 2022).

Assim sendo, compreender o perfil da autoestima de cidadãos com experiência de rua emerge como de significativa relevância para a ampliação do saber acerca dos impactos psicossociais associados aos diferentes contextos de moradia e acolhimento. Logo, o estudo objetiva avaliar e comparar os níveis de autoestima entre homens com experiência de rua acolhidos e vivendo em situação de rua em um município do sudoeste da Bahia.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Autoestima: Conceitos, Dimensões e Determinantes

A autoestima pode ser definida como a avaliação global que o indivíduo realiza acerca de seu próprio valor pessoal, envolvendo julgamentos afetivos e cognitivos sobre si mesmo (Zhang *et al.*, 2026). Trata-se de um componente avaliativo do autoconceito, expresso pelos sentimentos e pensamentos de aprovação ou rejeição que o indivíduo mantém em relação a si (Pimentel *et al.*, 2018). Em termos clássicos, Rosenberg (1965) descreveu a autoestima como uma atitude positiva ou negativa em relação ao eu, e sua Escala de Autoestima (RSES) permanece até hoje como o instrumento mais amplamente utilizado para mensuração científica desse construto (García *et al.*, 2019).

Do ponto de vista teórico, a autoestima envolve aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais. A dimensão afetiva relaciona-se aos sentimentos de aceitação e apreço por si mesmo; a cognitiva, à percepção do próprio valor e competência; e a comportamental manifesta-se nas atitudes e escolhas relacionadas a esse valor

pessoal (Hutz; Zanon, 2017; Marcelino; Elias, 2023). Nesse sentido, níveis mais elevados de autoestima podem estar relacionados a maior autoconfiança, motivação e percepção de pertencimento, enquanto sua fragilização pode associar-se à insegurança, autodepreciação e sentimentos de inadequação (Ghasempour *et al.*, 2025).

Atualmente, a autoestima é compreendida como uma construção multideterminada e dinâmica, não se restringindo à ideia clássica de uma avaliação global do valor pessoal (Rimes; Smith; Bridge, 2023). Essa perspectiva considera que os níveis de autovalorização podem ser continuamente influenciados pelas interações entre o indivíduo e o ambiente social, ajustando-se às experiências, aos feedbacks e aos contextos vivenciados (Hutz; Zanon, 2017). Em um nível coletivo, a autoestima reflete o modo como o sujeito é reconhecido ou marginalizado pela sociedade (Brito; Silva, 2022).

A exclusão, o preconceito e a ausência de reconhecimento social produzem impactos profundos sobre a autoimagem, configurando formas sutis de violência simbólica (Zhang *et al.*, 2024). Dessa forma, a autoestima não deve ser entendida como uma característica completamente estática, mas como uma dimensão que pode sofrer modificações ao longo da vida (Haeffner *et al.*, 2023).

A construção da autoestima está, portanto, relacionada às experiências pessoais, aos vínculos afetivos e aos contextos socioculturais nos quais o indivíduo está inserido (Hutz; Zanon, 2017). Experiências de reconhecimento, acolhimento e sucesso podem favorecer a percepção de valor pessoal, enquanto situações de rejeição, negligência ou violência simbólica podem contribuir para sua fragilização (Martín; Aleman; Morales, 2023).

Nesse processo, a validação social e a forma como o indivíduo é percebido pelos outros participam da construção da identidade e da autoimagem (Hutz; Zanon, 2017; Pimentel *et al.*, 2018). Assim, a autoestima também pode refletir a maneira como o sujeito se percebe diante das relações sociais e do reconhecimento ou marginalização vivenciados em seu contexto (Brito; Silva, 2022; Zhang *et al.*, 2024).

2.2. Autoestima em Pessoas em Situação de Rua

A autoestima e o autoconceito podem ser influenciados pela experiência de viver em situação de rua, considerando as condições de vulnerabilidade e as experiências sociais que permeiam essa trajetória (Braga; Brito; Garcia, 2024). A exposição frequente ao julgamento social, à indiferença e à rejeição pode comprometer a percepção de valor pessoal, favorecendo sentimentos de inferioridade, inutilidade e desesperança (Patrício *et al.*, 2019).

Nesse contexto, aspectos relacionados à segurança, ao estigma e ao isolamento social podem exercer influência sobre a forma como essas pessoas percebem a si mesmas e se relacionam com os outros (Fleury *et al.*, 2021). As repercussões da situação de rua também podem ser observadas em diferentes dimensões do bem-estar, incluindo a conectividade social, o estresse, a resiliência e a experiência emocional (Ghasempour *et al.*, 2025). Estudos apontam que pessoas em situação de rua podem apresentar níveis inferiores de bem-estar geral quando comparadas a pessoas domiciliadas, embora também possam recorrer à espiritualidade e à religiosidade como estratégias de enfrentamento diante das adversidades vivenciadas (Ahuja *et al.*, 2020).

Apesar das adversidades, pessoas em situação de rua também desenvolvem formas de reafirmar sua identidade e seu valor pessoal, por meio da fé, dos vínculos comunitários e das experiências de resistência construídas no cotidiano (Gramajo *et al.*, 2023). A presença de estigma, exclusão e fragilização dos vínculos pode interferir na autopercepção e nas relações sociais, podendo também constituir barreiras para o acesso a serviços e direitos (Paiva; Guimarães, 2022).

Entretanto, estudos apontam a existência de processos de resistência simbólica, nos quais indivíduos ressignificam experiências estigmatizantes e reconfiguram a percepção sobre si mesmos como estratégias de enfrentamento e sobrevivência (Mostert; Greef, 2022; Radcliffe *et al.*, 2026). A investigação dessas experiências é essencial para compreender os mecanismos internos de enfrentamento e preservação do eu em contextos de desumanização (Stringfellow *et al.*, 2016). Reconhecer essas dinâmicas é essencial para construir abordagens que não reforcem a culpabilização individual, mas que valorizem a potência subjetiva que resiste à exclusão (Coldibeli; Paiva; Batista, 2023).

2.3. Autoestima em Indivíduos Abrigados

Pesquisas evidenciam que a estabilidade proporcionada pelos serviços de acolhimento pode influenciar a percepção que pessoas com experiência de rua possuem sobre si mesmas, ao oferecer condições de maior segurança, conforto e previsibilidade (Pereira *et al.*, 2024; Rice *et al.*, 2022). A passagem por espaços de acolhimento pode proporcionar condições estruturais distintas daquelas vivenciadas nas ruas, favorecendo a recuperação da confiança e a construção de maior estabilidade emocional.

Esse contexto pode contribuir para a redução de sentimentos de desvalorização e isolamento, favorecendo processos de revalorização da própria existência e de fortalecimento do sentimento de pertencimento social (Ra *et al.*, 2023). A presença de redes de apoio também constitui um elemento relevante nesse processo. Enquanto a ausência de suporte social e familiar pode intensificar a vulnerabilidade emocional, as relações estabelecidas em ambientes de acolhimento podem favorecer resiliência, esperança e melhores condições de saúde (Fajardo-Bullón; Pérez-Mayo; Esnaola, 2021).

Da mesma forma, o acesso a programas de reinserção social, cuidados em saúde e atividades comunitárias pode favorecer a percepção de autoeficácia, fortalecer a autoestima e contribuir para a reconstrução da identidade pessoal (Costa; Souza; Souza, 2019). Nesse sentido, os possíveis efeitos positivos do acolhimento sobre a autoestima podem estar relacionados à redução do estresse associado à sobrevivência nas ruas, à construção de vínculos comunitários e à ampliação das oportunidades de recuperação e desenvolvimento da autoeficácia (Pilla; Park-Taylor, 2022).

Entretanto, o acolhimento institucional não está isento de limitações e ambivalências (Sicari; Zanella, 2018). A experiência institucional pode envolver, simultaneamente, condições capazes de favorecer e de fragilizar a autoestima. Embora a oferta de proteção material possa reduzir a sensação de vulnerabilidade, a existência de regras institucionais, horários fixos, mecanismos de vigilância e outras formas de regulação pode produzir sentimentos de institucionalização e restrição da autonomia individual (Karadzhov, 2023; Loubière, 2022).

Dessa forma, a experiência de acolhimento não é necessariamente vivenciada de maneira uniforme, podendo assumir diferentes significados de acordo com as características da instituição e com a trajetória de cada indivíduo (Thornhill *et al.*, 2026; Murthy; Stapleton; McHugh, 2021). Apesar dessas limitações, o acolhimento institucional pode constituir um ambiente mais estruturado e protetivo em comparação a determinadas condições vivenciadas nas ruas, oferecendo oportunidades para o fortalecimento psicológico, a reconstrução de projetos de vida e o estabelecimento de vínculos sociais (Marinucci *et al.*, 2023).

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracterizou-se como quantitativo, de natureza exploratória e descritiva, de corte transversal. Este projeto fez parte do projeto maior intitulado “(Sobre)Vivências na rua: As subjetividades e experiências de pessoas em situação de rua”, realizado no período de agosto a novembro de 2025 em três instituições na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Duas instituições oferecem abrigo definitivo ou temporário. A terceira instituição caracteriza-se como um serviço de atendimento socioassistencial destinado a pessoas em situação de rua, oferecendo alimentação (café da manhã, almoço e jantar), acesso a instalações para higiene pessoal, corte de cabelo e distribuição de roupas. Diferentemente das demais instituições participantes do estudo, não disponibiliza alojamento ou pernoite, de modo que os indivíduos atendidos permanecem em situação de rua.

A população investigada correspondeu a homens adultos em situação de rua ou com trajetória de vida marcada por essa condição (experiência de rua), acolhidas em instituições. Foram incluídos

homens, com idade igual ou superior a 18 anos, que estivessem em situação de rua no momento da coleta ou que possuíssem histórico dessa condição, ainda que se encontrassem em instituições de acolhimento. Os critérios de exclusão foram: pessoas com limitações cognitivas graves ou condição psíquica que impedissem a compreensão adequada das perguntas, indivíduos em intoxicação aguda por substâncias psicoativas e aqueles que, a qualquer momento, se recusassem ou desistissem de participar.

Inicialmente, foi aplicado um questionário sociodemográfico elaborado pelos pesquisadores, contemplando variáveis como idade, sexo, estado civil, cor/raça autodeclarada, escolaridade, número de filhos, tempo em situação de rua, motivos que levaram à inserção nessa condição, prática religiosa e vínculos familiares.

Subsequentemente, foi utilizada a Escala de Autoestima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES), que foi criada por Morris Rosenberg, em 1965, para avaliar o nível global de autoestima dos indivíduos. No Brasil, esse instrumento foi traduzido e validado por Dini, Quaresma e Ferreira (2004), mantendo boa consistência interna. A escala consistiu em 10 itens, com afirmações positivas e negativas, respondidos por meio de uma escala de Likert de 4 pontos, variando de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Os itens 2, 5, 6, 8 e 9 tiveram escore invertido. A pontuação total variou de 10 a 40, sendo que escores entre 10 e 25 indicaram baixa autoestima; entre 26 e 29, autoestima média; e entre 30 e 40, alta autoestima (Garcia *et al.*, 2019).

A aplicação do questionário e da escala foi realizada por meio de entrevistas presenciais, conduzidas pelos pesquisadores, os quais foram previamente treinados. Nas instituições de acolhimento

definitivo, as entrevistas tiveram duração aproximada de 30 minutos e foram realizadas em uma sala disponibilizada pela direção, com o entrevistador de frente para o participante. Já na instituição de serviço socioassistencial sem oferta de pernoite, as entrevistas ocorreram em local reservado e seguro, após o café da manhã, geralmente no momento de espera para o banho. Todos os participantes que desejaram e concordaram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme a Resolução nº 466/12.

Os dados foram tabulados em planilhas eletrônicas no programa Microsoft Excel® 2020 e, em seguida, submetidos a tratamento estatístico com o auxílio do software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 25.0. A etapa inicial compreendeu a aplicação de estatística descritiva, visando à caracterização da amostra por meio da apresentação de frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central (média e mediana) e de dispersão (desvio-padrão, valores mínimos e máximos).

Foram consideradas como variáveis independentes os aspectos sociodemográficos e contextuais, incluindo idade, sexo, identidade de gênero, cor/raça, nível de escolaridade, estado civil, tempo de vivência em situação de rua e presença de filhos. As variáveis dependentes corresponderam aos escores e à classificação da Escala de Rosenberg. Essas informações permitiram identificar diferenças entre subgrupos e examinar possíveis associações com os construtos subjetivos analisados. Para avaliar as associações foi utilizado o teste exato de Fisher e considerado o valor de significância de $p < 0,05$.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros e aprovado com CAAE 91580225.8.0000.5146 e número do parecer 7.857.140.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Responderam a Escala de Autoestima, 24 homens com experiência de rua, com idades entre 31 e 66 anos e média de idade de 48,08 anos ($\pm 10,07$). Da amostra, 45,8% se autodeclararam pardos e 45,8% pretos, 70,8% eram solteiros, 70,8% tinham filhos e 54,2% eram católicos. Quanto à escolaridade, observou-se predomínio de baixa escolaridade, com a maioria tendo o ensino fundamental incompleto (79,2%).

Esse resultado pode ser contextualizado pelas desigualdades sociais e raciais que atravessam a realidade brasileira. No estudo de Contijo *et al.* (2024), realizado com 390 pessoas em situação de rua em Belo Horizonte, também foi observado predominância de participantes pretos e pardos, além de elevada frequência de baixa escolaridade. De maneira semelhante, Silva *et al.* (2021), ao analisarem dados nacionais do Cadastro Único e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, identificaram predominância da população negra nas duas bases investigadas. Essas aproximações mostram a relevância de considerar a dimensão racial na caracterização da população em situação de rua. Entretanto, como o presente estudo não investigou associações entre cor ou raça e autoestima, não é possível afirmar que essas características tenham influenciado os escores encontrados.

Em relação ao tempo de permanência nas ruas, 41,7% referiram ter mais de cinco anos e 33,3% entre dois e cinco anos. Entre os motivos

relacionados à experiência de situação de rua, 25,0% relataram conflitos familiares e 25,0% uso de substâncias, seguidos de perda do emprego (20,8%), outros motivos (20,8%) e problemas de saúde (8,3%). No momento da coleta, (45,8%) encontravam-se em acolhimento institucional e (54,2%) permaneciam em situação de rua.

Quando analisado pela situação de moradia, a maioria dos acolhidos se declararam pardos (54,5%), solteiros (81,8%), tinham filhos (72,7%), ensino fundamental incompleto (81,8%), católicos (81,8%), com mais de 2 anos de experiência de rua (91%) e o principal motivo foi perda de emprego (27,3%). Já aqueles em situação de rua, a maioria se declarou preto (53,8%), solteiro (61,5%), com filhos (69,2%), com ensino fundamental incompleto (76,9%), cristãos (46,2%), com mais de 5 anos de situação de rua (38,5%) e quanto aos motivos, conflitos familiares e uso de substâncias foram os mais citados, 30,8% cada. Os dados de caracterização da amostra podem ser melhor analisados na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização da amostra quanto a situação de moradia, Acolhidos x Em situação de Rua, Vitória da Conquista, 2025

Variável	Acolhido		Em situação de rua		
	n	%	N	%	N
Etnia					
Preta	4	36,4	7	53,8	11
Parda	6	54,5	5	38,5	11
Branca	1	9,1	1	7,7	2
Total	11	100	13	100	24

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/analise-da-autoestima-de-homens-com-experiencia-de-rua-acolhidos-e-nao-acolhidos-em-uma-cidade-do-sudoeste-da-bahia-um-estudo-transversal?noblockage>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025

Os conflitos familiares e o uso de substâncias psicoativas foram os motivos mais frequentemente relatados para a experiência de situação de rua, ambos correspondendo a 25,0% da amostra. Esses achados dialogam com a literatura que identifica a fragilização dos vínculos familiares e o uso de substâncias como aspectos relevantes das trajetórias de vulnerabilidade social (Santos; Evangelista, 2022). Entretanto, considerando o delineamento transversal e o caráter descritivo desta investigação, não é possível estabelecer relações causais entre esses fatores e os níveis de autoestima dos participantes.

Quanto à classificação da autoestima, 75,0% dos participantes apresentaram autoestima moderada, 20,8% baixa autoestima e 4,2% alta autoestima. Quando analisado de acordo com a situação de moradia, 81,8% dos acolhidos e 69,2% dos em situação de rua apresentaram autoestima moderada, enquanto a baixa autoestima foi proporcionalmente mais frequente entre aqueles que permaneciam em situação de rua (30,8%) em comparação aos acolhidos (9,1%). O único caso de alta autoestima identificado, ocorreu entre os participantes acolhidos. Não houve associação estatisticamente significativa entre a situação atual de moradia e a classificação da autoestima ($p = 0,327$). Os dados descritos podem ser melhor observados na Tabela 2.

Tabela 2. Classificação da autoestima de acordo com a situação de moradia atual, Vitória da Conquista, 2025

Autoestím a	Acolhido		Em situação de rua		Total
Classificaç ão	n	%	N	%	n
Baixa	1	9,1	4	30,8	5
Moderada	9	81,8	9	69,2	18
Alta	1	9,1	0	0,0	1
Total	11	100	13	100	24

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/analise-da-autoestima-de-homens-com-experiencia-de-rua-acolhidos-e-nao-acolhidos-em-uma-cidade-do-sudoeste-da-bahia-um-estudo-transversal?noblockage>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

No que concerne à classificação da autoestima, ao estratificar esses escores segundo a condição de moradia, observa-se que, embora a maioria de ambos os grupos se situe na faixa moderada (81,8% dos acolhidos e 69,2% daqueles em situação de rua), a baixa autoestima foi expressivamente mais elevada entre os indivíduos em situação de rua (30,8%) em comparação aos acolhidos (9,1%), grupo no qual também se concentrou o único registro de alta autoestima. Embora a análise inferencial não tenha apontado significância estatística, pode ser reflexo das limitações amostrais, essa tendência descritiva faz sentido à luz da literatura. Tal como destacam Costa e Machado (2021), o acolhimento institucional atua como um importante amortecedor das vulnerabilidades extremas das ruas, provendo uma

base de segurança material e social que favorece a estabilização do autoconceito. Ainda, corroborando com essa perspectiva, Santos e Farias (2018) argumentam que, embora o abrigo sozinho não apague todo o histórico de exclusão, ele é um espaço essencial para resgatar a dignidade humana.

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A dificuldade de recrutamento de pessoas em situação de rua, decorrente da recusa de potenciais participantes, mesmo após esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e a realização de novos convites, contribuiu para o tamanho reduzido da amostra. Essa condição, associada à amostragem por conveniência, limita a representatividade dos participantes e a possibilidade de generalização dos achados. Outra limitação refere-se à ausência de uma avaliação padronizada do estado cognitivo dos participantes, o que pode ter favorecido vieses de informação, especialmente de memória, comprometendo a precisão de alguns dados autorreferidos. Apesar dessas limitações, o estudo contribui para a compreensão da autoestima de homens com experiência de rua, oferecendo subsídios para novas investigações e para o desenvolvimento de estratégias de cuidado voltadas a essa população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciaram o predomínio de níveis moderados de autoestima entre homens com experiência de rua, independentemente da condição atual de moradia. Observou-se maior frequência de baixa autoestima entre os participantes que permaneciam em situação de rua, enquanto o único indivíduo

classificado com alta autoestima encontrava-se em acolhimento institucional. Entretanto, essas diferenças devem ser interpretadas com cautela, uma vez que o tamanho reduzido da amostra e as limitações da análise estatística não permitem estabelecer conclusões consistentes sobre a associação entre acolhimento institucional e níveis de autoestima.

Os achados reforçam a importância de compreender o acolhimento institucional como parte de uma estratégia ampliada de proteção e cuidado, que não se restrinja à oferta de abrigo e ao atendimento das necessidades básicas, mas contemple também as dimensões psicossociais relacionadas à autoestima, à autonomia, ao fortalecimento dos vínculos sociais e à reconstrução de projetos de vida. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar a compreensão da autoestima de pessoas com experiência de rua e aponta para a necessidade de ações intersetoriais que articulem assistência social e saúde mental, respeitando as singularidades e as trajetórias dessa população.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA):

Este trabalho contou com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial generativa, Chat GPT versão gratuita e Gemini 3 Flash na versão Plus, exclusivamente para apoio na revisão gramatical, organização textual e aprimoramento da redação acadêmica. Foi utilizado o *Open Evidence* para auxiliar na descoberta de estudos relevantes dentro da temática. Todo conteúdo foi revisado criticamente pelos autores, que permanecem integralmente responsáveis pelas informações apresentadas, interpretações realizadas e conclusões obtidas, conforme a portaria CNPq nº 2.664/2026.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHUJA, N. J. *et al.* Well-being without a roof: examining well-being among unhoused individuals using mixed methods and propensity score matching. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 19, p. 7228, 2020. DOI: 10.3390/ijerph17197228.

BRAGA, N. T.; BRITO, L. S.; GARCIA, J. B. S. Pessoas em situação de rua e sua vulnerabilidade à dor, depressão e sono: revisão narrativa. **Brazilian Journal of Pain (BrJP)**, v. 7, e20240042, 2024.

BRASIL. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. **Diário Oficial da União, Brasília, DF**, Seção 1, p. 16, 24 dez. 2009.

BRITO, C.; SILVA, L. N. População em situação de rua: estigmas, preconceitos e estratégias de cuidado em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, 2022.

CAMPOS, M. A.; SOUZA, M. F. Estigma e exclusão: reflexos na saúde da população em situação de rua. **Saúde e Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 1059-1070, 2013.

COLDIBELI, L. P.; PAIVA, F. S. de; BATISTA, C. B. Itinerários terapêuticos de mulheres em situação de rua: as múltiplas faces do cuidado. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, e264738, p. 1–17, 2023. DOI: 10.1590/1807-0310/2023v35264738.

COPATTI, B. S. *et al.* Autoestima e fatores associados em adolescentes escolares. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 516-523, 2017.

COSTA, M. L. de M.; SOUZA, V. M. de; SOUZA, K. de. Sentidos do acolhimento para pessoas em situação de rua. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 36, e170093, p. 1-11, 2019. DOI: 10.1590/1982-0275201936e170093.

COSTA, R. M.; MACHADO, F. L. Acolhimento institucional e autoestima: impactos da proteção social em populações vulneráveis. **Revista Katálýsis**, v. 24, n. 2, p. 285-297, 2021.

DINI, Gal Moreira; QUARESMA, Marina Rodrigues; FERREIRA, Lydia Masako. Adaptação cultural e validação da versão brasileira da Escala de Auto-estima de Rosenberg. *Revista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 19, n. 1, p. 41-52, 2004.

FAJARDO-BULLÓN, F.; PÉREZ-MAYO, J.; ESNAOLA, I. Psychosocial variables and satisfaction with life in homeless people. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 11, p. 5865, 2021. DOI: 10.3390/ijerph18115865.

FERNANDES, A. A pobreza como violação dos direitos humanos. **Revista Katálýsis**, v. 18, n. 2, p. 203-210, 2015.

FERNANDES, M. A.; RIBEIRO, A. A. A. População em situação de rua e o direito de acesso aos serviços de saúde. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 10, n. 1, p. 129-130, 2022.

FLEURY, M. J. *et al.* Met and unmet needs of homeless individuals at different stages of housing reintegration: a mixed-method

investigation. **PLoS ONE**, v. 16, n. 1, e0245088, 2021. DOI: 10.1371/journal.pone.0245088.

GARCÍA, Jorge Acosta; CHECA Y OLMOS, Francisco; LUCAS MATHEU, Manuel; PARRÓN CARREÑO, Tesifón. Self esteem levels vs global scores on the Rosenberg self-esteem scale. **Heliyon**, v. 5, n. 3, e01378, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e01378>

GHASEMPOUR, S. *et al.* Validation of the Rosenberg Self-Esteem Scale among the Iranian adult population: a cross-sectional study. **PLoS ONE**, v. 20, n. 12, e0336969, 2025. DOI: 10.1371/journal.pone.0336969.

GONTIJO, Thiago Gomes et al. População em situação de rua: características sociodemográficas, trajetória e condições de saúde. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 2, e14767, 2024.

GRAMAJO, C. S. *et al.* (Sobre)viver na rua: narrativas das pessoas em situação de rua sobre a rede de apoio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, e243764, p. 1-14, 2023. DOI: 10.1590/1982-3703003243764

HAEFFNER, L.S.B. *et al.* Social and health vulnerability of homeless people. Social and health vulnerability of homeless people. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 57, supl., e20220379, 2023.

HALPERN, S. C. *et al.* Vulnerabilidade e saúde da população em situação de rua: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 5, p. 1477-1492, 2017.

HUTZ, C. S.; ZANON, C. Revisão da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Avaliação Psicológica**, v. 16, n. 2, p. 161-170, 2017

ICSE – INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA. Exclusão, preconceito e invisibilidade de pessoas em situação de rua. **Revista ICSE**, v. 28, 2024.

KARADZHOV, D. "Trials and tribulations": the ambivalent influence of temporary accommodation on mental health recovery in chronically homeless adults. **Qualitative Health Research**, v. 33, n. 3, p. 176–190, 2023. DOI: 10.1177/10497323221147127.

LOUBIÈRE, S. *et al.* French Housing First Study Group. Housing First for homeless people with severe mental illness: extended 4-year follow-up and analysis of recovery and housing stability from the randomized Un Chez Soi d'Abord trial. **Epidemiology and Psychiatric Sciences**, v. 31, e14, 2022.

MARCELINO, M. R.; ELIAS, N. C. O que é autoestima para os analistas do comportamento? Uma revisão sistemática. **Revista Interação em Psicologia, Curitiba**, v. 27, n. 2, p. 330-343, 2023.

MARINUCCI, M. *et al.* On the lowest rung of the ladder: How social exclusion, perceived economic inequality and stigma increase homeless people's resignation. **Br J Soc Psychol**, v. 62, n. 4, p. 1817-1838, 2023.

MARTÍN, Q. J. C.; ALEMÁN, R. P. F.; MORALES, A. P. The influence of perceived security in childhood on adult self-concept: the mediating role of resilience and selfesteem. **Healthcare**, v. 11, n. 17, p. 2435, 2023.

MENDES, K. T.; RONZANI, T. M.; PAIVA, F. S. População em situação de rua, vulnerabilidades e drogas: uma revisão sistemática. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, e169056, 2019.

MOSTERT, F.; GREEFF, A. P. Experiências de homens sem-teto em uma cidade rica da África do Sul. **Journal of Community Psychology**, 2022.

MURTHY, V. E.; STAPLETON, A.; MCHUGH, L. Self and rules in a sample of adults experiencing homelessness: relationships to shame, well-being, and psychological inflexibility. **Journal of Contextual Behavioral Science**, v. 21, p. 88–97, 2021.

PAIVA, I. K. S.; GUIMARÃES, J. População em situação de rua e Rede de Atenção Psicossocial: na corda bamba do cuidado. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 32, n. 4, e320408, 2022. DOI: 10.1590/S0103-73312022320408.

PATRÍCIO, A. C. F. de A. *et al.* Transtornos mentais comuns e resiliência de pessoas em situação de rua. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 6, p. 1526–1533, 2019. DOI: 10.1590/0034-7167-2018-0541.

PEREIRA, V. C. *et al.* Saúde mental e população em situação de rua: desafios no acolhimento e na garantia do cuidado. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 40, n. 3, e00124523, 2024. DOI: 10.1590/0102-311XPT124523.

PILLA, D.; PARK-TAYLOR, J. “Independent means”: experiences of formerly homeless adults living in permanent supportive housing. **Journal of Community Psychology**, v. 50, p. 1411–1429, 2022. DOI: 10.1002/jcop.22724.

PIMENTEL, A. S. *et al.* Autoestima e autoconceito: uma revisão teórica. **Revista Psicologia em Estudo**, v. 23, n. 4, p. 765-778, 2018.

RA, C. *et al.* Geolocation patterns, Wi-Fi connectivity rates, and psychiatric symptoms among urban homeless youth: mixed methods study using self-report. **JMIR Mental Health**, v. 10, e43810, 2023. DOI: 10.2196/43810.

RADCLIFFE, M. *et al.* Uma revisão sistemática metaetnográfica das experiências de mulheres sem-teto em ambientes de alta renda. **PLoS ONE**, 2026.

RICE, E. *et al.* Social network features associated with mental health and substance use among youth experiencing homelessness. **Journal of Adolescent Health**, v. 70, n. 4, p. 582–589, 2022. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2021.10.024.

RIMES, K. A.; SMITH, P.; BRIDGE, L. Low self-esteem: a refined cognitive behavioural model. **Behavioural and Cognitive Psychotherapy**, v. 51, n. 6, p. 579–594, 2023. DOI: 10.1017/S1352465823000048.

ROSENBERG, M. Society and the adolescent self-image. **Princeton: Princeton University Press**, 1965.

SANTOS, J. C.; EVANGELISTA, B. O perfil de usuários dos centros de atenção psicossocial em situação de rua. **Research, Society and Development**, v.10, n.16, 2022.

SANTOS, J. C.; FARIAS, J. S. Abrigos sociais e autoestima: perspectivas de reintegração. **Revista de Políticas Públicas**, v. 22, n.2, p.233-248, 2018.

SICARI, A. A.; ZANELLA, A. V. Pessoas em situação de rua no Brasil: revisão sistemática. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n.

4, p. 662–679, out. 2018.

SILVA, Tarcisio Oliveira et al. População em situação de rua no Brasil: estudo descritivo sobre o perfil sociodemográfico e da morbidade por tuberculose, 2014–2019. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 30, n. 1, e2020566, 2021.

STRINGFELLOW, E. J. *et al.* Substance use among persons with homeless experience in primary care. **Substance Abuse**, v. 37, n. 4, p. 534–541, 2016. DOI: 10.1080/08897077.2016.1142921.

THORNHILL, L. *et al.* “Home is where you are together”: qualitative systematic review and meta-synthesis of the meaning of home among people experiencing homelessness. **Health Expectations**, 2026.

TORRALBA, F. **Antropologia do cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2022.

ZHANG, C. *et al.* Effects of social exclusion on self-evaluation: domain discrepancy based on the Big Two model. **Behavioural Sciences**, v. 14, n. 9, art. 849, 2024.

ZHANG, X. *et al.* From defense to reconstruction: the hostility-meaning dual-path model of how observing others' adversity influences distress disclosure. **PLoS ONE**, v. 21, n. 6, e0350109, 2026. DOI: 10.1371/journal.pone.0350109.

¹ Discente do Curso Superior de Medicina do Instituto Afya Faculdade de Ciências Médicas de Vitória da Conquista. E-mail:

[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Discente do Curso Superior de Medicina do Instituto Afya
Faculdade de Ciências Médicas de Vitória da Conquista. E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Discente do Curso Superior de Medicina do Instituto Afya
Faculdade de Ciências Médicas de Vitória da Conquista. E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Discente do Curso Superior de Medicina do Instituto Afya
Faculdade de Ciências Médicas de Vitória da Conquista. E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁵ Mestra, Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas Qualitativas
Interdisciplinares em Saúde (LabQuali), Universidade Estadual de
Montes Claros (Unimontes). E-mail: [acesse o artigo original para
visualizar o e-mail](#)

⁶ Doutora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Saúde, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁷ Docente do Curso Superior de Medicina do Instituto Afya
Faculdade de Ciências Médicas de Vitória da Conquista. E-mail:
[acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)